

## **Transformação Religiosa Brasileira e características do novo padrão religioso**

João Boechat<sup>54</sup>

### **Resumo**

O Brasil experimentou intensa transformação religiosa nos últimos 40 anos. Mudança esta caracterizada por três pontos centrais, a saber, a) Queda da membresia Católica; b) Crescimento dos indivíduos que se consideram sem-religião e c) Crescimento Evangélico. A partir disto, a sociedade brasileira apresenta uma nova configuração religiosa. Desta forma, surge a necessidade de não apenas compreendermos esta nova configuração, como também percebermos as relações entre estes grupos religiosos através do trânsito religioso, isto é, como se dá a formação de cada grupo religioso e quanto esta formação tem relação com o ganho ou perda de membros antes ligados a outros grupos religiosos. A partir disso, este artigo apresenta a nova configuração religiosa brasileira, além de demonstrar como esta configuração tem sido alterada nas últimas décadas e, por fim, analisa como se dá o trânsito religioso na sociedade brasileira.

**Palavras-Chave:** Transformação Religiosa. Configuração Religiosa. Crescimento Evangélico.

### **Abstract**

In the last 40 years, Brazil has experienced intense religious transformation. Such change is characterized by three main points: a) Decrease of Catholic membership; b) Increase of Non-Religious groups; and c) Increase of the Evangelicals. Thus, Brazilian society presents a new religious setting. Because of that, there is the need of not only comprehend this new configuration, but also understand the relationship among the religious groups using the analysis of the religious traffic in Brazil, i.e., how each group is formed and how this formation is related to the adding or losing of

---

<sup>54</sup> João Boechat é professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, além de pesquisador do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). É doutorando em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com ênfase em Teologia pela Humboldt Universität zu Berlin, na Alemanha. Possui mestrado em Sociologia Política pela UENF e especialização em Ciência da Religião, além de graduação em Teologia e Relações Internacionais.

individuals who were once members of other religious groups. In this way, this paper presents the new religious configuration in Brazil, and discusses how said configuration has been altered in the last decades. At last, it analyzes how the religious traffic takes place in Brazilian society.

**Keywords:** Religious transformation. Religious Configuration. Evangelical Growth.

## **1. Introdução**

A realidade do campo religioso brasileiro indica uma forte transformação na sociedade em que vivemos. Esta percepção ocorre, pois ainda que a religião seja uma esfera própria, ela influencia e é influenciada pelas demais esferas sociais como a economia, política e ciência. Portanto, é sine qua non para a profunda compreensão teológica, a forma pela qual a religião se relaciona com a realidade vigente.

A palavra que define a realidade religiosa brasileira nas últimas décadas é “transformação”. Especialmente a partir da década de 80, o campo religioso no Brasil observa uma intensa mudança encabeçada pelo grande crescimento evangélico que atua como principal combustível de tal transformação, que também é caracterizada pelo crescimento dos sem-religião e pela queda católica.

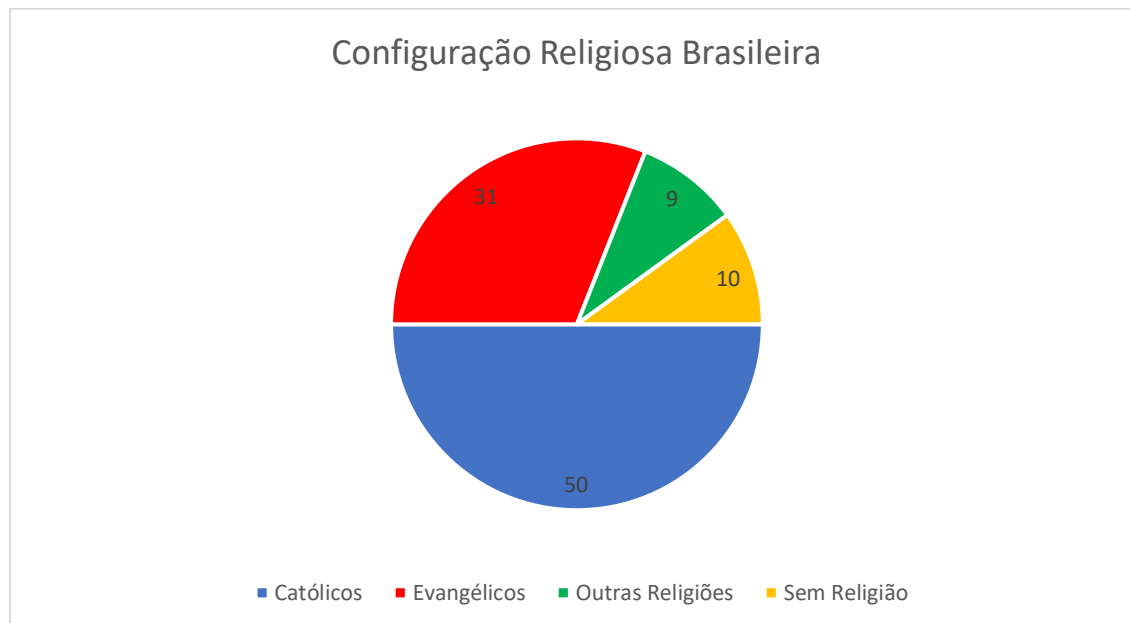
A partir disso, este artigo objetiva analisar a transformação religiosa na sociedade brasileira, observando os dados dos censos das últimas décadas, bem como buscando compreender o trânsito religioso que ocorre, analisando como se dá a formação das memórias religiosas. Por fim, apontaremos algumas razões que auxiliam na compreensão da mudança religiosa brasileira.

Assim, objetiva-se colaborar para a compreensão da realidade brasileira e compreender como a transformação está relacionada com questões que atingem a sociedade como um todo, percebendo que a religião é uma esfera autônoma, mas que influencia e é influenciada pelas demais esferas sociais, adaptando-se às demandas e necessidades de seus fiéis e provendo respostas que busquem atender a tais necessidades.

## **1. Padrão Religioso Brasileiro**

As últimas décadas demonstraram um “padrão religioso” no Brasil. Em 2020, o Instituto Datafolha lançou os dados da configuração religiosa brasileira. Assim:

### Gráfico 1: Configuração Religiosa Brasileira



Fonte: Datafolha (2020)

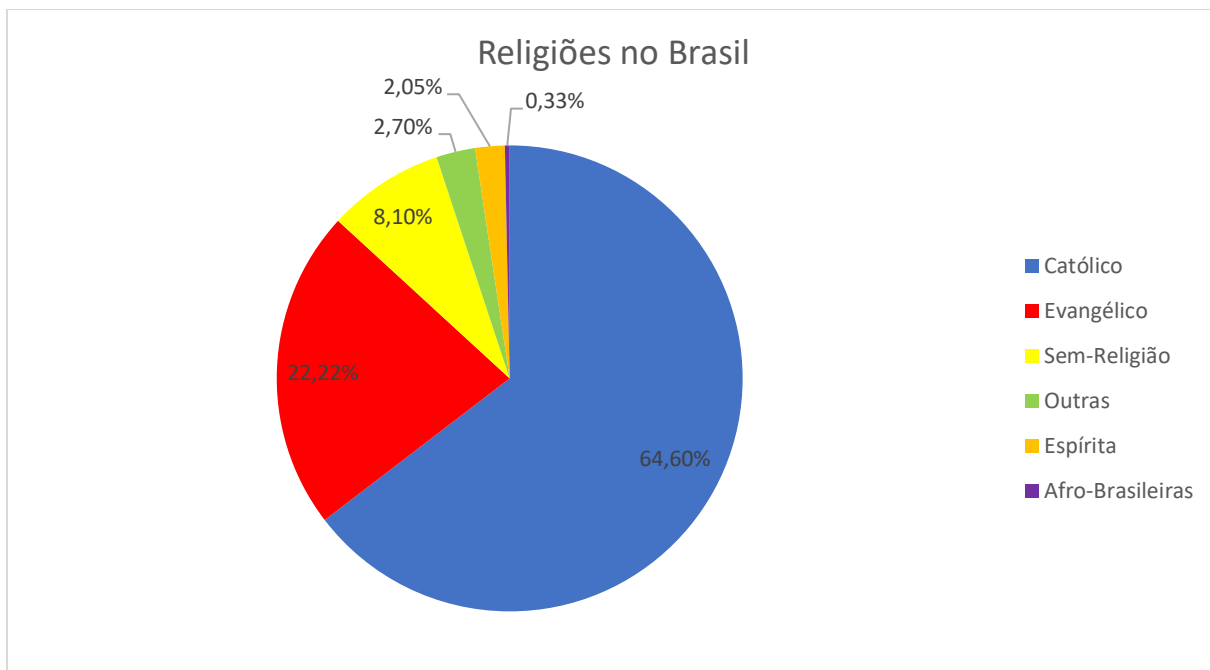
Atualmente, 50% dos brasileiros se afirmam Católicos, 31% Evangélicos<sup>55</sup>, 10% Sem-Religião e 9% adeptos de outras religiões.

Os dados do gráfico acima, atuam em conformidade com os dados do Censo de 2010 realizado pelo IBGE<sup>56</sup> apontam que a configuração religiosa no Brasil nas últimas décadas possui três características fundamentais: a) intensa queda dos Católicos; b) crescimento significativo dos Evangélicos; c) crescimento relevante dos sem-religião. Considerando os dados levantados pelo IBGE, é possível identificar tal configuração:

### Gráfico 2: Religiões no Brasil (2010)

<sup>55</sup> Caso dividamos os Evangélicos entre os principais subgrupos, a formação do campo brasileiro corresponde a 21% de Pentecostais, 4,4% de Evangélicos de Missão e 4,5% de Evangélicos Não-Determinados.

<sup>56</sup> 2010 corresponde ao ano do último censo publicado pelo IBGE



**Fonte: Censo do IBGE, 2010**

De acordo com os dados do último Censo do IBGE, publicado em 2010, entre os brasileiros, 64,6% se denominam Católicos<sup>57</sup>; 22,2% Evangélicos<sup>58</sup>; 8,1% Sem-Religião<sup>59</sup>; 2,7% possuem outras religiões<sup>60</sup>; 2,1% são adeptos do Espiritismo e 0,33% são adeptos de Religiões AfroBrasileiras<sup>61</sup>.

De fato, as religiões não são compostas por subgrupos homogêneos, com completa unificação doutrinária, eclesial e prática. Tomemos como primeiro exemplo os Evangélicos. Para a real compreensão deste grupo religioso no Brasil, é relevante levar em conta suas divisões a fim de melhor compreender sua configuração, uma vez que esta se expressa de forma mais variada do que as configurações dos Católicos e dos Sem-religião. Afinal, entre os Católicos, 99,4% são Católicos Apostólicos Romanos; já entre os Sem-Religião, 95,2% não possuem religião, mas creem no transcendente, ou seja, apenas 4,8% são Ateus ou Agnósticos.

<sup>57</sup>Entre os Católicos, 99,4% são Católicos Apostólicos Romanos, 4,5% Católicos Apostólicos Brasileiros e 0,1% Católicos Ortodoxos

<sup>58</sup>Entre os Evangélicos, 60% são Pentecostais; 21,8% Não-Determinados e 18,2% Evangélicos de Missão.

<sup>59</sup>Entre os Sem-Religião, 95,2% são sem-religião; 4% Ateus e 0,8% Agnósticos

<sup>60</sup>Entre as outras religiões, 33,3% são adeptos de outras religiosidades cristãs, 31,7% são Testemunhas de Jeová, 14,6% possuem múltiplas religiosidades, 5,5% são Budistas, 5,2% são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; 3,6% adeptos de outras religiosidade orientais; 2,4% são Judeus; 1,7% adeptos do Esoterismo e 1,4% membros de religiões Indígenas. Há ainda grupos de outras religiões, como o Hinduísmo, que correspondem a menos de 1% deste grupo.

<sup>61</sup>Entre as Religiões Afro-brasileiras, 69,2% pertencem à Umbanda, 28,4% ao Candomblé, e 2,4% a outras religiões de matriz afro-brasileiras.

Diferentemente dos Católicos e Sem-Religião, os quais dividimos análise em dois subgrupos, os Evangélicos apresentam uma divisão relevante em três subgrupos: os Pentecostais, que correspondem a 60% dos Evangélicos e 13,3% da população brasileira<sup>62</sup>; os Evangélicos Não-Determinados correspondem a 21,2% dos Evangélicos e 4,8% dos Brasileiros<sup>63</sup>. Por fim, os Evangélicos de Missão, ou Históricos, correspondem a 18,2% dos Evangélicos e 4,4% da população brasileira<sup>64</sup>.

Observando o gráfico acima, dividimos a análise da evolução do campo religioso brasileiro em duas fases: de 1940 a 1980; e de 1980 a 2010. Esta divisão ressalta como, nas últimas três décadas, houve relevante mudança, e uma nova padronização religiosa no país.

**Tabela 1 – Religiões no Brasil de 1940 a 2010, em porcentagem (MARIANO, 2013)**

<b>Religião</b>	<b>1940</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8	64,6
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4	22,2
Outras Religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5	5,0
Sem Religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3	8,1
Não declarou	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

**Fonte: Mariano, 2013**

De 1940 a 1980, o número de Católicos no Brasil caiu de 95,2% para 89,2%, passando de 39.256.972 para 108.066.311 adeptos<sup>65</sup>. Apesar do crescimento geral, os Católicos declinaram em 6% nestas 4 décadas. Já de 1980 a 2010, os Católicos caíram de 89,2% para

<sup>62</sup>Os maiores grupos e igrejas pentecostais são: Assembleia de Deus (48,5% dos Pentecostais); Igrejas Pentecostais Independentes (20,8%); Congregacional Cristã do Brasil (9%); Igreja Universal do Reino de Deus (7,4%); Igreja do Evangelho Quadrangular (7,1%); Deus é Amor (3,3%) e Maranata (1,4%).

<sup>63</sup>Os Não-Determinados são assim denominados pois são formados por igrejas independentes de teologia protestante, sem vínculo histórico com associações protestantes norte-americanas ou europeias, como as Igrejas de Missão.

<sup>64</sup>Os Evangélicos de Missão são assim chamados, pois possuem teologia protestante e sua formação está vinculada às missões protestantes de igrejas históricas norte-americanas ou europeias. No Brasil, as maiores igrejas ou associações são: Batistas (48,5% dos Evangélicos de Missão), Adventistas (20,3%), Luterana (13%), Presbiteriana (12%), Metodista (4,4%), Congregacional (1,4%) e outras (0,4%).

<sup>65</sup>De acordo com os dados do Censo do IBGE, a população brasileira em 1940 era de 41.236.315 pessoas; em 1980, 121.150.573; e em 2010, 190.755.799 pessoas.

64,6% da população do país, totalizando 123.228.246 adeptos, o que indica uma queda de 24,6% da membresia.

Em 2020, o Instituto Datafolha<sup>66</sup> publicou pesquisa afirmando que, no Brasil, os Católicos correspondem a 50% dos brasileiros, o que confirma o “padrão religioso” de queda da membresia Católica<sup>67</sup>. Caso o Censo do IBGE de 2020 confirme os dados levantados pelo Datafolha, haveria uma queda de 14,6% na membresia Católica, significando a maior perda de adeptos já registrada em uma década.

Por outro lado, os Evangélicos se moveram na direção contrária dos Católicos. De 1940 a 1980, os Evangélicos cresceram de 2,6% para 6,6% da população brasileira, o que significa que, em 40 anos, os Evangélicos saltaram de 1.072.144 adeptos para 7.995.938 membros. Todavia, se nas 4 décadas supracitadas os Evangélicos cresceram 4%, nas décadas seguintes houve um exponencial aumento dos adeptos nas décadas entre 1980 e 2010. Nestas, os Evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, totalizando 42.347.787 adeptos. Isto significa que, nas últimas décadas, os Evangélicos cresceram cinco vezes mais do que a população brasileira. Enquanto, de 1980 a 2010, a população brasileira cresceu 12,3% os Evangélicos cresceram 62%.

O crescimento Evangélico é evidenciado pela pesquisa do Datafolha. De acordo com ela, os Evangélicos atingiram 31% da população em 2020. De acordo com estes dados, o período de 2010 a 2020 aponta duas realidades opostas para os Católicos e Evangélicos. Por um lado, os Católicos sofreram a maior perda de membresia já registrada em uma década. Por outro lado, os Evangélicos experimentaram, de 2010 a 2020, o maior crescimento já registrado em seu número de adeptos.

Portanto, em 2010, os Cristãos (Católicos e Evangélicos)<sup>68</sup> correspondiam há 86,8% dos brasileiros, ou seja, quase 9 em cada 10 brasileiros ainda se considerava Cristão. De acordo com o Instituto Datafolha, em 2020, este número corresponde a 81% dos brasileiros. Isto indica que, apesar do grande crescimento Evangélico, a queda Católica foi expressiva a ponto de reduzir o número de Cristãos no país em mais de 5 pontos percentuais. Ainda assim, apesar do

---

<sup>66</sup>Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios no país em 5 e 6 de dezembro de 2019. Margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

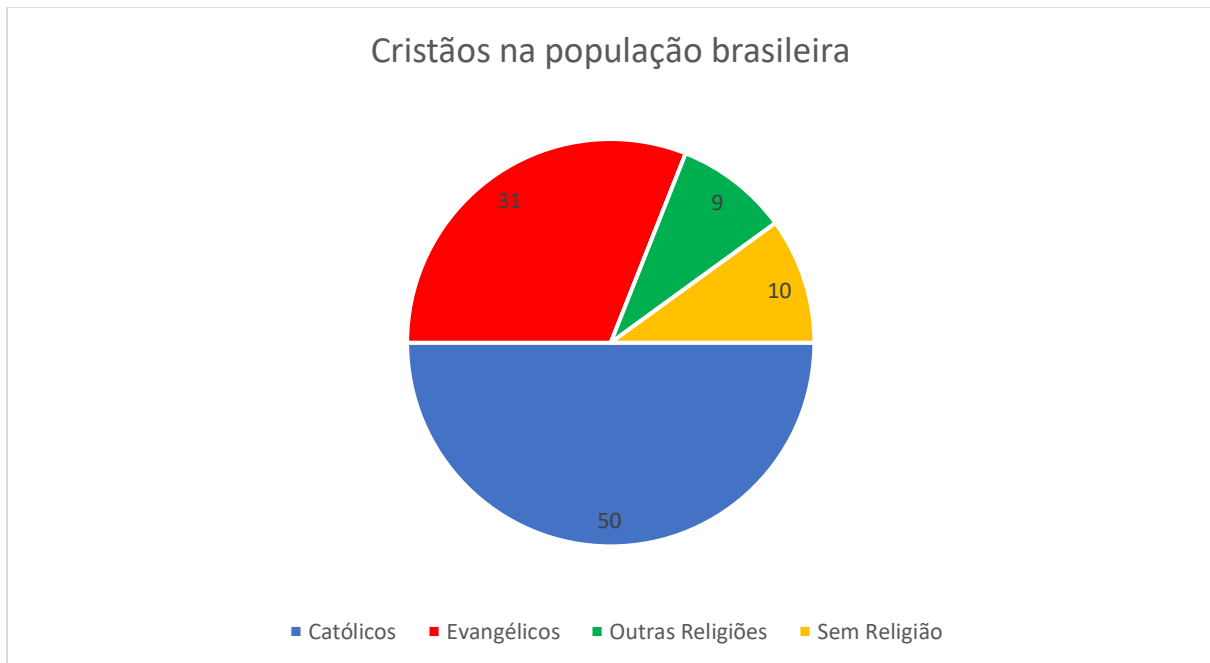
<sup>67</sup>De acordo com a Pesquisa do Instituto Datafolha em Dezembro de 2019, a Religião do Brasileiro é dividida em: 50% Católicos; 31% Evangélicos; 10% Sem-Religião; 3% Espíritas; 2% Afro-Brasileiros; 2% Outras Religiões; 1% Ateus; 0,3% Judeus.

<sup>68</sup>De fato, os Espíritas também são cristãos. Mas, como estamos considerando as principais mudanças religiosas no país, consideremos apenas Católicos e Evangélicos como Cristãos. Contudo, apenas para a análise e não como afirmação teológica. Considerando os Espíritas, os Cristãos atingiriam 2% da população em 2010 e 3% em 2020.

crescimento dos Sem-Religião (de 8% para 10%) os Ateus correspondem a apenas 1% da população brasileira.

Assim, os números do Censo permitem a formulação do seguinte gráfico:

**Gráfico 3: Cristãos na população brasileira (1940-2020)**

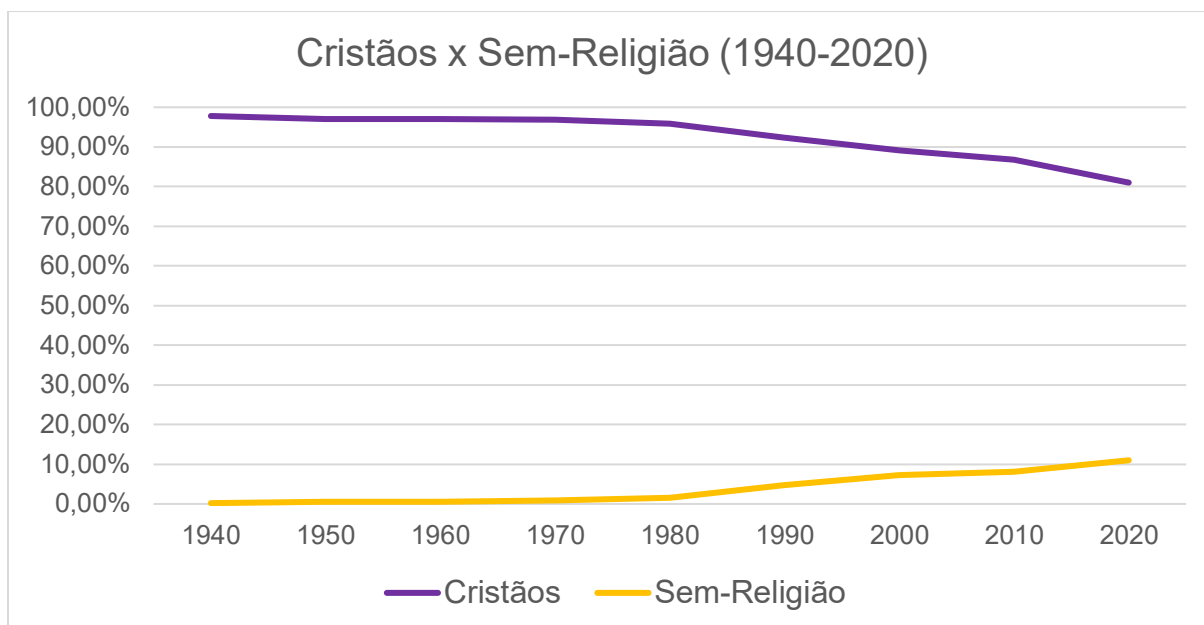


**Fonte: Censo do IBGE (1940-2010); Datafolha (2020).**

Em conformidade com o crescimento Evangélico, os Sem-Religião também obtiveram considerável aumento. Entre 1940 e 1980, os Sem-Religião passaram de 0,2% a 1,6%; indo de 82.473 para 1.938.409 indivíduos que não possuem religião. Em 2010, os Sem-Religião alcançaram 8,1% dos indivíduos no Brasil, totalizando 15.451.220 pessoas.

Por outro lado, considerando a pesquisa do Datafolha, os Sem-Religião atingiram 10%, havendo crescimento de cerca de 2% em número. Este crescimento seria maior do que o existente entre 2000 e 2010 (0,8%), mas menor do que o ocorrido entre 1990 e 2000 (2,5%):

**Gráfico 4: Cristãos x Sem-Religião no Brasil (1940-2020)**

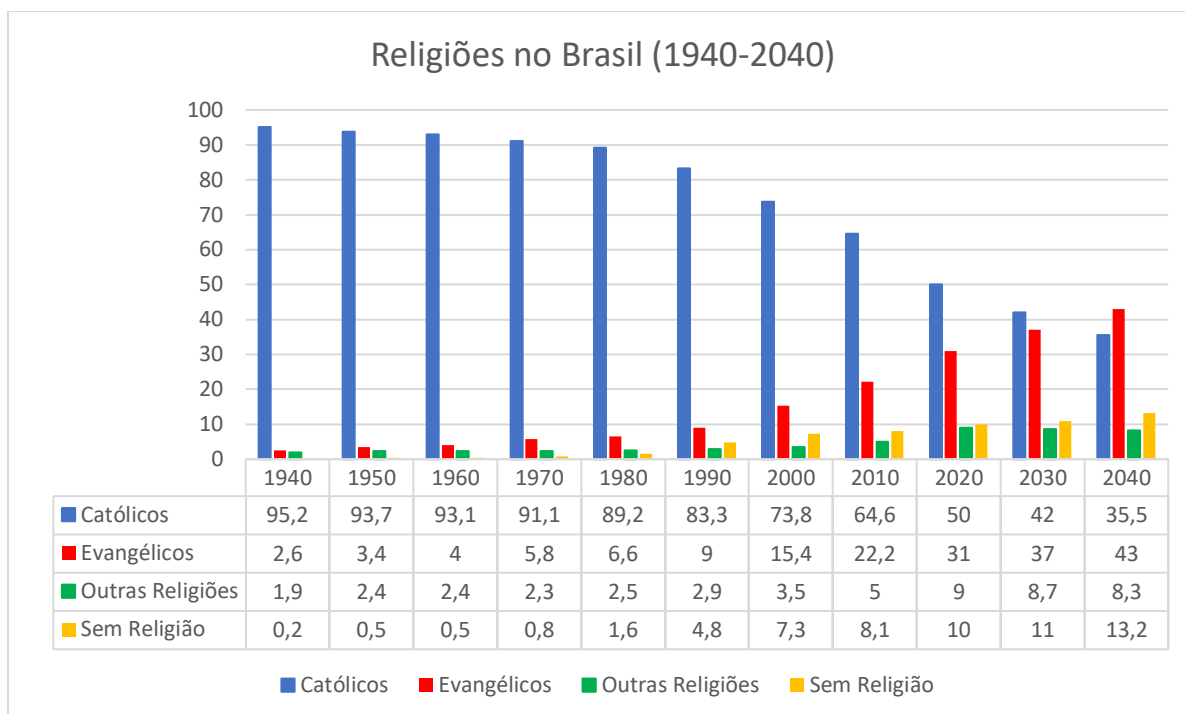


**Fonte: Censo do IBGE (1940-2010); Datafolha (2020).**

Portanto, se no fim do século XIX, após a Proclamação da República (1889), os Católicos concentravam praticamente 100% da população brasileira, o século XX é marcado pela constante queda na membresia Católica, ainda que estes fossem ampla maioria em 1970 (91,1%). Todavia, a partir da década de 1980, esta queda acelerou-se fazendo com que os Católicos perdessem quase 1% de sua membresia ao ano (-0,97%).

Estabelecendo, assim, uma projeção linear onde os Católicos manteriam sua perda de 0,97% ao ano, os Evangélicos mantendo seu crescimento de 0,69% aa, e os Sem-Religião ganhando 0,17%, o “padrão religioso brasileiro” apresentaria mudança na hegemonia religiosa por volta de 2036, onde os Evangélicos com 40,3% ultrapassarão os Católicos com 39,4%. Em 2040, os Evangélicos teriam 43% e os Católicos 35,5%. Ali, os Cristãos corresponderiam a 78,5% da população brasileira, enquanto os Sem-Religião formariam 13,2% da população brasileira.

**Gráfico 5: Religiões no Brasil (1940-2040)**



De fato, não é possível afirmar que tal transformação continuará neste mesmo ritmo. Todavia, ainda que haja desaceleração na perda Católica ou no crescimento Evangélico, o padrão religioso brasileiro é ratificado pela intensa mudança ocorrida no cenário brasileiro nos últimos 150 anos.

Assim, os números das pesquisas acima confirmam o “padrão religioso” brasileiro e demonstram que este tem se desenvolvido de forma estável nos últimos 40 anos. É relevante perceber, contudo, que o país não passou, nestas últimas décadas, por um processo de “desligamento do transcendente”, ou seja, a perda Católica e o acréscimo dos Sem-Religião não indicam, necessariamente, uma diminuição da experiência com o transcendente ou a perda da busca pelo sagrado. E a análise deste padrão ajuda a entender a transformação no campo religioso ocorrida nas últimas décadas.

## 2. Trânsito Religioso Brasileiro

De forma geral, o padrão religioso brasileiro indica uma transformação do campo religioso marcado pelas transformações na direção da relação com o divino e não na negação do divino. Isto significa que o brasileiro não deixou de crer no transcendente, mas apenas alterou a forma como crê ou o caminho para acessar o divino. De acordo com o IBGE, em 2010, apenas 0,3% da população se denominava “ateu”, ou seja, 7,8% dos Brasileiros se consideram Sem-Religião, mas mantém a crença no transcendente.

Portanto, a configuração religiosa brasileira se constrói a partir das transformações inter-religiosas, como demonstra a tabela abaixo:

**Tabela 2 – Religião atual e trânsito religioso (BARTZ, 2012)**

Religião atual	Não mudou	Mudou	% população
Católica	95,9	4,1	64,6
Evangélico de missão	22,8	77,2	4,1
Evangélico pentecostal	14,4	85,6	13,3
Outras religiões	10,7	89,3	5,0
Sem-religião	19,7	80,3	8,1
<b>Média Total</b>	<b>68,3</b>	<b>23,5</b>	<b>100</b>

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010

À primeira vista, a média total indica que o Brasil é um país onde a maioria da população permanece na religião em que nasceu (68,3%), enquanto uma minoria muda de religião durante a vida (23,5%). Contudo, analisando a tabela, perceberemos que apenas os Católicos são maioria entre os que não mudaram de religião. De fato, em cada 100 Católicos, 96 nasceram em ambientes Católicos, e apenas 4 se converteram ao longo da vida. Isto significa que o Catolicismo é, no Brasil, uma religião de nascidos e não de convertidos.

Se considerarmos os demais grupos religiosos, como também os sem-religião, veremos que, até 2010, 82,8% dos brasileiros já mudaram de crença religiosa durante a vida. Com exceção do Catolicismo, todos os demais grupos de crença no Brasil são formados, majoritariamente, por convertidos, ou seja, seus adeptos se tornaram membro durante suas vidas e não nasceram em ambientes de adeptos desta religião. Pelo menos três quartos da população evangélica ou dos que hoje se consideram “sem-religião”, já estiveram em alguma outra religião antes de se possuírem o atual entendimento sobre o transcendente. Por exemplo, dos 13,9% da população de pentecostais, 85,6% se converteram a esta vertente durante a vida, e somente 14,4% são filhos de pais pentecostais, fazendo desta uma religião majoritariamente de convertidos e não de originários.

Além disso, quando observamos o trânsito religioso brasileiro comparando a religião atual e a religião anterior dos brasileiros, percebemos como o fluxo religioso ocorre entre os “convertidos”:

**Tabela 3 – Religião atual x religião anterior (BARTZ, 2012).**

Religião Anterior	Religião Atual
-------------------	----------------

	Católica	Evangélico Histórico	Evangélico Pentecostal	Outras Religiões	Sem-Religião
Católica	0,0	13,8	58,9	16,3	42,1
Evangélico de Missão	26,9	21,3	50,7	1,1	5,7
Evangélico Pentecostal	18,7	40,2	40,8	0,4	23,9
Outras Religiões	47,4	9,9	15,5	11,0	6,4
Sem-religião	17,9	1,2	74,2	5,5	0,0
Ateus	23,1	11,8	33,2	15,8	3,1

**Fonte: Bartz, 2012**

A tabela acima é realizada a partir dos indivíduos que já mudaram de crença religiosa ao longo da vida. Assim, esta não demonstra a religião na qual o indivíduo se originou, mas sim aquelas pelas quais este já passou em comparação com a sua atual. Portanto, a somatória de algumas supera 100%, uma vez que um indivíduo que hoje é Evangélico, por exemplo, pode ter passado por 1 ou mais religiões.

Com relação aos Católicos é válido lembrar que apenas 4,1% dos adeptos são convertidos. Dentre estes, 47,4% são oriundos de pessoas que passaram por religiões de matriz africana ou orientais; 26,9% foram Evangélicos de Missão e 18,7% Pentecostais. Ademais, 23,1% foram Ateus e 17,9% Sem-Religião.

Religião que mais cresce no Brasil, os Evangélicos são uma religião de “convertidos”, onde cerca de 8 em cada 10 indivíduos (82%) tornaram-se adeptos durante suas vidas e não nasceram em ambientes evangélicos. Entre os adeptos que se denominam “de Missão”, 40,2% já foram adeptos do Pentecostalismo. Isto indica que, entre os Evangélicos de Missão, o principal fluxo ocorre dentro da esfera Evangélica. Ademais, 21,3% dos Históricos já fizeram parte de outra instituição evangélica histórica. Por exemplo, um Batista que já foi membro de uma organização Metodista ou Presbiteriana. Em continuidade, 13,8% dos Evangélicos de Missão já foram Católicos e 11,8% Ateus.

Por outro lado, se entre os Evangélicos Históricos, ou de Missão, o principal fluxo é intra-religioso, entre os Pentecostais, 74,2% foram Sem-Religião, 58,9% já foram Católicos e 33,2% Ateus. De fato, entre os Pentecostais, a maior parte dos convertidos já passou por outras religiões. Por outro lado, o fluxo intra-religioso também é considerável. 50,7% dos Pentecostais já foram “Históricos” e 40,8% já passaram por outras organizações Pentecostais. Por exemplo, um membro da Assembleia de Deus Ministério Madureira já foi membro da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ou ainda da Igreja Universal do Reino de Deus.

O grupo dos “sem-religião” (7,8%) representa o segundo maior contingente de pessoas que migraram de religião. As igrejas evangélicas pentecostais e os católicos são os principais fornecedores para este grupo. 42,1% dos “sem-religião” declaram-se ter sido

católicas, 23,9% pentecostais, 5,7% históricos, 6,4% declaram ter pertencido a outras religiões. Há duas rotas, portanto, de migração para os “sem-religião”: a primeira vai do catolicismo ou dos evangélicos históricos e a segunda do catolicismo ao pentecostalismo, e, então, ao grupo “sem-religião”.

Assim, o trânsito religioso brasileiro nos apresenta algumas características: a) os Católicos são os doadores universais; b) os Evangélicos são receptores universais, ainda que haja intenso fluxo intra-religioso; c) os Sem-Religião são, majoritariamente, indivíduos que mantêm determinada espiritualidade e não se tornam ateus.

A fim de aprofundarmos o estudo na Religião no cenário brasileiro, analisaremos estas características acima observando possíveis explicações para a formação deste padrão.

### **3. Formação do Padrão Religioso Brasileiro**

Diversos trabalhos têm sido apresentados a fim de explicar as razões para este padrão, e a Teoria da Secularização se apresenta como uma valiosa ferramenta para a compreensão desta nova realidade (NERI, 2011; ANDRADE, 2012; ALTMANN, 2012; GRACINO, 2012; MARIANO, 2013; CAMURÇA, 2017).

Considerando que a esfera religiosa, no mundo moderno, é uma esfera como as demais, disputando espaço e relevância sociais, pode-se destacar, no caso brasileiro, três efeitos do processo de secularização sobre ela: 1) a desmonopolização religiosa; 2) a liberdade religiosa e 3) o pluralismo religioso.

Apesar das mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro nas últimas décadas, a realidade religiosa brasileira ainda demonstra ser o Brasil um país majoritariamente católico. Apenas no fim do século XIX, com a proclamação da República, o Brasil se tornou oficialmente laico. Todavia, ainda assim a Igreja Católica manteve seus privilégios em relação ao Estado secular. Entretanto, se durante os períodos de colonização e império para ser brasileiro era necessário ser católico a separação entre Igreja e Estado resultou no fim da monopolização religiosa.

A diferenciação entre a esfera religiosa e as esferas política e jurídica se aprofundou, criando uma condição secular que vai ter efeitos estruturais também sobre o modo de organização e atuação das diferentes religiões.

De acordo com os dados do IBGE, em 1940, 95,2% da população brasileira era católica. Em 1980, o número havia decrescido para 89% da população. Número que passou para 73% em 2000, decrescendo para 64,6% da população de acordo com o Censo de 2010.

O fim da monopolização religiosa, ocorrida com o início da República no fim do século

XIX, ocasionou também maior liberdade religiosa. Os dados do IBGE (2000) apontam que cerca de 40% dos católicos brasileiros eram não praticantes, ou seja, não participavam ativamente das atividades eclesiais. A não-participação não indica, todavia, uma falta de atividade religiosa. Como ser brasileiro está ligado a ser católico, é parte da cultura brasileira denominar-se católico, enquanto participa de reuniões espíritas ou frequenta cultos no candomblé e umbanda. O resultado desta maior liberdade religiosa, bem como a maior liberdade para se considerar como pertencente a outras religiões, ou mesmo sem-religião, pode ser observada nos Censos das últimas décadas. Enquanto o catolicismo decresceu de 95,2% em 1940, para 64,6% em 2010, as “outras religiões” cresceram de 1,9% para 5% da população, os “sem-religião” saltaram de 0,2% para 8,1% de 1940 a 2010 e os evangélicos cresceram de 2,6% para 22,2% da população nos últimos 70 anos.

Por fim, a secularização abre novos espaços para que não só novas religiões, como também novas organizações religiosas busquem espaço e concorram pela fidelização religiosa dos indivíduos.

A concessão da liberdade religiosa e a separação Igreja-Estado romperam definitivamente o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional (MARIANO, 2003:3).

Com o fim do monopólio religioso e, conseqüentemente, a abertura para novas organizações religiosas, possibilita-se a formulação de distintos interesses religiosos, respondendo a distintos interesses sociais. A religião, à medida que vai se autonomizando enquanto esfera social com lógica própria, atua como elaboradora dos interesses religiosos a partir da matéria-prima dos interesses sociais dos distintos grupos, permitindo, por exemplo, que distintos interesses sociais estejam ligados a um mesmo interesse religioso. Uma vez que organizações consigam elaborar interesses religiosos comuns capazes de transcender, em certa medida, as fronteiras dos interesses sociais - embora sem nunca lograr uma completa desvinculação destes interesses - torna-se provável a adesão de distintos grupos sociais a estas organizações e especialistas a fim de realizar estes interesses religiosos.

Para exemplificarmos o efeito do pluralismo religioso, observemos o crescimento das igrejas evangélicas no Brasil nos últimos anos. Os dados do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) apontam que existem, no Brasil, mais de 179 mil organizações religiosas evangélicas registradas. Somente em 2013, doze igrejas foram abertas por dia no Brasil, cerca de 4.400 novas organizações religiosas evangélicas ao longo do ano. Este número apresentou, em 2014, crescimento de 5,28%<sup>69</sup>. As organizações religiosas evangélicas

---

<sup>69</sup>Disponível em: <http://www.empresometro.com.br/Site/Metodologia>

apresentam um faturamento de cerca de R\$ 20 bilhões ao ano, oriundo de dízimos, venda de produtos e aplicações financeiras<sup>70</sup>.

Esta nova configuração religiosa no Brasil abre oportunidades para a análise da religião sob novas perspectivas, uma vez que novos interesses religiosos e sociais ganham espaço nas disputas por atenção nas organizações e especialistas religiosos.

Desta forma, a nova configuração religiosa brasileira demonstra que as transformações religiosas acompanham as transformações sociais, mas ocorrem também por mudanças na própria esfera religiosa e na capacidade de diferentes religiões organizarem distintos interesses e atenderem distintas demandas dos indivíduos.

Portanto, compreender a configuração religiosa brasileira é função importante de todo aquele que deseja analisar como a religião influencia tanto do indivíduo como da sociedade brasileira ao passo que também é influenciada por estes.

#### **4. Referências Bibliográficas**

ALVARENGA, Leonardo. Os batistas em movimento: um estudo da dinâmica sociorreligiosa de batistas no Brasil: o exemplo de Macaé-RJ. Tese de Doutorado, PUC – SP, 2017

ARENARI, Brand. Pentecostalism as religion of the periphery: an analysis of the Brazilian case. Tese de Doutorado, 2013.

BARTZ, Alessandro. Trânsito Religioso no Brasil: Mudanças e Tendências Contemporâneas. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST, v.1; São Leopoldo, 2012.

BERGER, Peter L. Múltiplos altares da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 2016.

BOECHAT, João. Religião e Classe Social: uma análise dos especialistas religiosos de diferentes segmentos evangélicos sob a influência do Pentecostalismo. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política, 2017.

CAMPOS, Bernardo. Da Reforma protestante à Pentecostalidade da Igreja. São Leopoldo e Quito: Sinodal e Clai, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo Histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. Horizonte, v.9, n.22, Belo Horizonte; 2011.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A Religião e o Censo: enfoques metodológicos. Uma reflexão a partir das consultorias do ISER ao IBGE sobre o dado religioso nos censos. Comunicações do ISER, v. 69, 2014, p. 04-152.

DUTRA, Roberto. A Universalidade da Condição Secular. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 36(1): 151-174, 2016.

---

<sup>70</sup>Para mais informações sobre a arrecadação das organizações religiosas evangélicas, ver: <http://exame.abril.com.br/brasil/em-um-ano-arrecadacao-de-igrejas-passou-dos-r-20-bi/>

DUTRA, Roberto; BOECHAT, João. Diferenciação funcional e organizações religiosas na modernidade: uma análise teórica com base no pentecostalismo no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, v.49, n.2, 2018.

GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 21, 2001, p. 87-120.

GONÇALVES, Delmo. Neopentecostalismo. Nascimento, desenvolvimento e  
GRACINO Jr, Paulo. A visão aérea e do nadador: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido – a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, Cultura e Política. *Religião e Sociedade*, 32 n.2; Rio de Janeiro, 2012.

MAFRA, Clara. Na Posse da Palavra — Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em Dois Contextos Nacionais, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. 2002

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, 2013, p. 119-137.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo Brasileiro. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do Crescimento Pentecostal: um balanço. *Perspectiva Teológica*, ano 43, n. 119. Belo Horizonte, 2011.

MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja? *Civitas – Revista de Ciências Sociais* v.3, n.1, Porto Alegre, 2003.

NOVAES, Regina. “Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais”. Em *A dança dos sincretismos*. Rio de Janeiro, *Comunicações do Iser*, n. 45, ano 13, 1994.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. Em: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

OLSON, Roger E. Teologia Arminiana: mitos e realidades. São Paulo: Editora Reflexão, 2013p.

ORO, Ari P. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. *Horizonte*, v.9, n.22, Belo Horizonte; 2011.

ORO, Ari P.; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: Religião e Política no Rio Grande do Sul e no Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 11, n. 18, 2010.

PIERUCCI, Antônio F. “Bye bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, 18 (52), 2004.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise de pertencimento institucional. *Horizonte*, v. 10, 2012, p. 1.130-1.152.

SILVEIRA, Marcelo. O discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas. Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso. São Paulo, 2007. Tese de Doutorado em Ciências Sociais USP.

SOUZA, Carlos. O Protestantismo Histórico e a “Pentecostização”: Novos contornos da identidade evangélica. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2014.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição – transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religion/Ciencias Sociais e Religiao*, Porto Alegre, ano 3, no 3, 2001.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad: Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013

WEBER, MAX. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão).